

# Manifestantes pedem penas mais duras contra abusadores sexuais em Angola

written by O Cidadão | 4 de Janeiro, 2026



Cerca de uma centena de manifestantes juntaram-se, em Luanda, para pedir justiça para a jovem Belma e defender penas mais duras para crimes sexuais, mas a marcha acabou por ser cancelada por falta de autorização.

Por volta das 11:00 (10:00 em Lisboa), já se agrupavam no Largo de São Paulo, uma zona nevrálgica de Luanda, pouco mais de uma centena de pessoas, empunhando cartazes, sob o olhar vigilante de efetivos da Polícia Nacional, que não permitiram a realização da marcha entre aquele local e o Largo das Heroínas por esta não ter sido autorizada.

“Diga não à violência” e “Angola contra a violência sexual de

**meninas e mulheres”** eram algumas das frases escritas nos cartazes.

**“Basta de violência #Belma”**, lia-se noutro cartaz, evocando a jovem de 15 anos que foi violada e violentamente agredida por dois homens na semana passada, caso que se tornou público após a divulgação de um vídeo nas redes sociais.

Os alegados agressores foram entretanto detidos pelo Serviço de Investigação Criminal (SIC).

Em declarações à Lusa, Dácia Patrícia, que exibia um cartaz com a frase **“Basta, nossa alma chora”**, disse que saiu à rua para marchar contra a violência sobre as mulheres, lamentando o impedimento das autoridades.

A jovem de 26 anos afirmou que nenhuma mulher está livre de sofrer uma agressão semelhante e criticou o facto de os abusadores enfrentarem penas leves.

***“Hoje acontece um abuso, amanhã o abusador está fora. Então nós estamos aqui para que haja justiça, não só pela Belma, mas por todas as mulheres que passaram por isso”***, realçou.

A violência sexual ***“é um problema em todo o mundo. Não acontece só em Angola, não acontece só em África”***, considerou, pedindo penas mais severas para estes casos, seja com amputação do órgão sexual ou com mais anos de prisão.

Porque ***“quatro anos não vale o estrago que um homem faz na vida de uma mulher”***, venceu, dizendo ***“basta”*** à violência e aos abusos.

Alguns jovens, insatisfeitos com o cancelamento da marcha, permaneceram algum tempo no local, gritando palavras de ordem como ***“Justiça pela Belma”*** e ***“Abaixo a violação”***, numa concentração com pouca adesão popular.

Rosa Conde, ativista e uma das organizadoras da marcha, criticou o Estado angolano por ser ***“alérgico”*** a manifestações

e disse que o governo provincial não quis receber a carta dando nota da intenção da manifestação, alegando inicialmente um erro e depois falta de antecedência.

A ativista adiantou que vão marcar nova marcha para sábado, dia 10 de janeiro, para não deixar **“estes casos morrerem”**.

**“As famílias preferem abafar o caso para não sujar o nome da família e assim perpetuarem as ações dos violadores. Então nós vamos continuar a bater o nosso pé até que os verdadeiros agressores sejam punidos”**, sublinhou.

Para Rosa Conde, esta é uma causa que mobiliza as pessoas, mas muitos desistem de se manifestar devido ao aparato policial que encontram à chegada ao local da concentração, insistindo que a violência sexual é um problema em Angola.

A ativista afirmou que **“infelizmente”** o Estado banaliza os crimes de género e apelou ao Governo que esteja atento a estas situações **“que estragam a vida”** de mulheres, homens e crianças.

Para evitar que tal aconteça, defendeu, é preciso começar em casa: **“Conversar com os nossos filhos, já a crescerem. E falar com os nossos irmãos que mulher é ser humano. Que mulher não pode ser vista como um instrumento de satisfação sexual. E que haja mais palestras nas escolas”**, apelou.

Rosa Conde defendeu também uma lei mais severa para punir os agressores, propondo uma moldura penal mínima de 24 anos.

**“Muitas das vezes, nos casos que nós temos seguido, o agressor toma dois anos de cadeia, três anos e depois sai e vai fazer a mesma coisa. Agora, se o Estado apertar e der uma sentença severa a esses casos, é claro que alguns terão medo de praticarem as agressões sob pena de estarem condenados a 20, 24 anos de cadeia”**, sugeriu.